

De qualquer modo a ingratidão magoa os que a sentem e entristece os que a conhecem.

"O seu sorriso" é uma delicadeza de criação. Tem beleza e melodia.

E assim são "Os pássaros" e muitas outras produções de *Tempo de Chuva*, paradoxo de síntese na análise irreduzível de sentimentos e emoções.

UM POETA E SUA VOZ

FRANCISCO CARVALHO

Horácio Dídimo, quando se fez poeta em *Tempo de Chuva*, já era alguém que desafiava o mundo com riso e lucidez. Alguém que sabia ver as coisas com emoção, sem a perplexidade passiva dos que não aprenderam a respirar através das palavras. Agora, vem ele com novo livro de poemas. É um *tijolo de barro* que se acrescenta ao muro da nossa solidão, dando-lhe maior profundidade, beleza e solidez. Antes de mais nada, e para que não se diga que estou tentando ser cordial em face de um autor medíocre, é necessário que se afirme categoricamente estarmos diante de um dos mais altos valores poéticos já surgidos no Ceará, em qualquer tempo. Ele faz realmente grande poesia, a poesia dos eleitos. É necessário muita clarividência para se vislumbrar a grandeza humana deste poeta através da frágil tessitura verbal dos seus poemas. Poemas que na sua maioria se reduzem a uma dezena de palavras e, às vezes, até menos. Mas é de ver a profunda consciência deste poeta de rosto apocalíptico que emerge cristalinamente da escuma dos dias com as mãos repletas de canções, de palavras amargamente enternecidas. É um poeta de afirmação, de atitudes viris em face do mundo, poeta de extraordinário conteúdo existencial, que resiste heroicamente à tentação de se tornar cúmplice da numerosa legião de mornos que se alastram por todas as esquinas da vida. Sua poesia reflete a tensão dialética de um mundo que se multiplica em palpitações dionisiacas, de um mundo que respira todos os odores, que se rebela, que se exalta, que se entenece. O poeta não alimenta grandes ilusões a respeito dos homens, nem de suas maquinações. Mas afirma com implacável esperança, num dos grandes poemas do livro, que "um dia haverá alguém que diga não / - não / um não que cortará os pulsos / do desespero / um não que surgirá firme / como o sol na madrugada / e encherá os nossos olhos / de lágrimas".

Em outro poema igualmente notável (pág. 19), volta o poeta a afirmar, meio irônico, meio amargo, "que poucos são os homens e muitos os abdômens". É curioso observar que grande parcela do dinamismo metafórico do poema se contém precisamente no título, onde as palavras "bar e restaurante", funcionando em oposição à epígrafe "lanterna de diógenes", acentuam a contradição que se propaga no bojo do poema ("poucos são os homens e muitos os abdômens"). Toda a carga sensorial do poema se fundamenta, aliás, nessa contradição. Bar

sugere a idéia de beber e é bebendo que os homens comprometem a sua lucidez. Por sua vez, a palavra "restaurante" tem seu equivalente metafórico no signo "abdômens", que funciona no contexto do poema em oposição sintática ao substrativo "homens". Horácio Dídimo é poeta dotado de extraordinária clareza interior. A cada passo o encontramos íntegro, múltiplo e cabal na plenitude do poema. Em "o homem na cadeira de balanço", ele investe de riso e riste contra a "bem-aventurança medíocre" dos que sem um gesto de dignidade em face do tempo, se recolhem acovardados à obliquidade dos pijamas, dos que simplesmente consentem, dos que não protestam contra o silêncio dos muros, dos que não sabem distinguir uma rosa de um lápis, enfim, de todos aqueles que não se armam de um pouco de malícia para agarrar o insólito. Diz o poeta, com veemência e ironia, que "precisamos criar juízo / cumprir as determinações / e tomar enérgicas providências / precisamos coibir os abusos / respeitar os sinais do tempo / e outras normas regulamentares / precisamos ficar calados / diante de certas coisas / porque assim é melhor / precisamos evitar as mãos magras das visitas / os olhos noturnos dos gatos / e o apelo da verdade". As intenções do poema são bastante claras na sua aparente linearidade. Cada palavra contém em seu bojo extraordinária carga de evidência. Muitas virtudes possui este poeta, além da forte personalidade literária que marca profundamente a sua obra. Em nenhum momento ele usa o rosto alheio. Contempla o mundo com os próprios olhos e exercita uma linguagem de fortes conotações líricas. Em mais de um poema, ele subverte os fundamentos de certos raciocínios convencionais para atingir uma realidade poética que se realiza plenamente através de paradoxos verbais, como nestes versos: "daqui a cem anos / todos os nossos problemas / nos terão resolvido". Ou como nestes: "cada mania / tem o seu doido / de estimação". Em "as maravilhas da natureza", conta o poeta a tragédia de "um sapãozinho / que morava na lagoa / tinha uma raiva acesa nos olhos / mas passava a noite cantando / na sua cadeira de rodas". É fora de dúvida que o "sapãozinho" se desloca da órbita do poema para assumir conotações mais amplas. Começa pelo aumentativo "sapão", neutralizado pelo sufixo diminutivo "zinho", eliminando desde logo qualquer possibilidade de grandeza. Temos, assim, a coisa reduzida à insignificância de sua dimensão. Quanto ao resto, basta imaginar a precariedade da existência humana. Passamos a vida com "uma raiva acesa nos olhos", mas desgraçadamente continuamos presos às nossas impossibilidades como se estivéssemos atados a uma "cadeira de rodas". Em "as comemorações", dá o poeta toda a medida de sua angústia existencial quando reconhece que "não há tempo nem mesmo para o choro da criança / a lamentação do mundo não pára / como somos tristes! / o vento empurra para trás / a copa verde das árvores". O dístico final pretende justificar metaforicamente a velocidade do tempo em relação à brevidade da existência humana. Já em o "anãozinho", é evidente a mensagem de otimismo do poeta: "tanto fez / tanto fez / que uma estrela azul brilhou no céu / pela primeira vez". É como se o poeta nos advertisse de que devemos continuar existindo, de que devemos continuar esperando, de que devemos renunciar ao uso da palavra, nem ao gosto do sol e das coisas. É como se ele quisesse realmente nos advertir de que não passamos de insignificantes

"anãozinhos", irmanados pelo medo e pela perplexidade. Não vou terminar sem antes dizer-lhes uma coisa: não deixem de atentar para a grande poesia que se contém nos pequenos versos deste poeta de extraordinária grandeza humana. Pois é exatamente isto o que finalmente prevalece na obra de um autor: grandeza humana. É a dimensão que conta no patrimônio literário de qualquer escritor. Quem não possui grandeza como escritor nada poderá oferecer através da literatura, a não ser fórmulas. Mas as fórmulas, como as formas, são simples conquistas do momento histórico. O que significa dizer: cada nova geração as substitui por outras. Horácio Didimo é poeta bem dotado. Tem o que dizer e sabe como dizer. Estou convencido de que ele terá brevemente a atenção que merece, como poeta que sabe realmente se expressar numa das mais puras gradações já atingidas pela poesia lírica em nossa terra.

A MENSAGEM DE UM POETA MÍSTICO

Pe. F. SADOX DE ARAÚJO

A travers Dieu, par Dieu, le mystique aime toute l'humanité d'un divin amour. Coincidant son amour avec l'amour qui a tout fait, il livrerait a qui savait l'interroger le secret de la création.

Bergson

Diante da força do convite do autor, cedi para aceitar a incumbência de fazer a apresentação de *A palavra e a Palavra*, o mais novo livro do poeta Horácio Didimo, recentemente editado pela Secretaria de Cultura do Estado do Ceará.

A Palavra, em maiúscula, é o Verbo de Deus que se fez carne e habitou entre nós. A palavra, em minúscula, é a linguagem humana que se faz poesia e oração para habitar entre os santos.

Horácio Didimo realiza em si a definição de poeta como um ser em relação privilegiada com o sagrado e o transcendente. Seus poemas, com marcada tendência para o concretismo e indisfarçável inclinação para o surrealismo, nascem espontaneamente no limite entre a palavra e o silêncio, região fronteira entre a presença do ser que plenifica a inteligência e o coração, e a sua ausência que matiza de saudade e de mistério os mais íntimos recônditos das emoções humanas.

Horácio Didimo, poeta e místico de muitas qualidades, só poderá ser entendido e saboreado por quem o leia com fina sensibilidade e com alguma vivência de fé.

A poesia pura, no dizer de Henri Brémond, reside essencialmente na plenitude da intuição estética manifestada na imagem lírica e expressa na totalidade da experiência espiritual do homem e se torna a mais próxima vizinha da